

MONITOR

BE SURE YOU ARE RIGHT, AND THEN GO AHEAD.
(Lemma de Roosevelt)

PIAUHY-THEREZINA, 13 de dezembro de 1906.

NUM. 7

Historia de um crime

De ha muito o Sol fugia. O céu todo estrellado
Lembrava um corpo nu, de chagas salpicado.
Nem um leve rumor!... As folhas tinham somno.
Um cão ladrava ao longe, às portas do seu dono!
Era a hora em que a luz, fraca, distante ou perto,
Tem brilhos de um pharol em meio do deserto.
Era a hora em que o amor de azas de seda passa
Enchendo os corações de risos e de graça.
Sahiam dos quintaes todas as coisas sujas.
Ouvia-se distante o pio das corujas.
A propria natureza adormecida e quieta
Negava inspiração á lyra do poeta.

Foi no deserto, ali, sem lagrimas, sem prece,
Em meio do negror que as almas estarrece!
O céu todo tremia. Urrava ao longe um touro
A's portas do curral de um velho Matadouro.
Era horrivel de ver! Surgiam dos moitães
Demonios de ar sinistro armados de punhaes.
E o pobre, o desgraçado a quem Deus saudira
Ao mundo para crer no Sonho—essa montira,
Esquecido daquella a cujo amor devêra
A vida triumphal, os loiros que colhera,
Foi levado ali, sonhando mil venturas,
No Amor, o eterno Amor, o cheio de ternuras,
Força viva e real que a todos sobrepuja,
Ninho onde cantando o sonho se empennuja,
Céu dos Céus o mais Céu, o mais formoso e bello
Onde brilham melhor o Sol e o Setestrello!
Imperia estava ao lado, impavida e serena,
Como Deusa a assistir áquella horrivel scena!

Eram seis, conta a historia. Os miseros bandidos
Como Judas outr'ora ao grande hebreu sagrado,
Beijaram n'ó... Depois... os tremulos gemidos
Demonstraram que o crime estava consumado.
Em farragos o corpo, os membros todos nus
Faziam recordar as chagas de Jesus!

A aurora já desponta... O céu quasi deserto
E' como um pallio azul immensamente aberto!
Entre folhas e pó, na rua saudido
Dorme p'ra todo o sempre o misero vencido.
Quem passa e o vê cabido, estaca, sem coragem.
Jámais houve no mundo um crime mais selvagem!
Vem chegar a Justiça, a grande Redemptora,
A cujo lado a Flor do Mal murecha e descora.
O caminho do Bem a sua espada indica.
Abate, eleva e pune, esmaga e glorifica.
Foi ella que esmagou Caim, Judas e Nero
E faz com que não valha o «quero, porque quero».

Lá fóra, bem distante, alguém soluça
E sobre um alvo leito se debruça
Como um phantasma pallido de dor!
E mais seu pranto augmenta ao ver sorrindo
O pequenino ser, o doce, o lindo
Frueto do seu primeiro e eterno Amor!

De olhos voltados para os céos implora
Justiça, orando, e a grande Fé enflora
Em seus labios um riso de esperança!
Quer apenas o nome immaculado
Do infeliz companheiro, o Esposo antado
E a rir chorando abraça-se á creança!

Olhae! Oh! Rei dos céos, como á horrivel
Tudo aquillo! Fazei, Rei intangivel!
Com a força real que em vós se encerra,
Que os Homens não se afundem no Peccado,
Que o Direito não seja abandonado.
Que Justiça se faça aqui na Terra!

... As doces illusões, os Sonhos bons do outr'ora.
As azas da Esperança, a Fé na Luz da Aurora.
Tudo se foi, partio!
Satan venceu na lucta, o mar do Desespero
Entrou como avalanche ao mando do Cerbero
E tudo destruo!

Hypocratis, o sabio, o grande rei da Sciencia,
E' vendido sem dó e minima clemencia
Pelos discipulos seus!

Pena é que não possamos
por falta se espaço esmeri-
lhar todo o pensamento in-
timo, que se traduz nas ima-
gens luminosas e caustican-
tes da *Historia de um crime*,
onde até o nome do immor-
tal Hypocratis foi invocado
para vergonha dos seus fal-
sos apostolos.

O brilho da verdade oóde
ser empanado um momen-
to para irradiar com intensi-
dade esmagadora tempos de-
pois. O poema de Thau-
maturgo é uma vergasta
contra os vendilhões do
templo da justiça. Editou-o
pela primeira vez o *Jornal*
do Commercio de Manaos,
a quem o poeta dirigiu a
carta seguinte:

«Meus caros amigos—Ahi
vão os versos que lhes pro-
metti e para os quaes ten les
tido tão carinhosas quão im-
merecidas palavras.

Não são um trabalho de va-
lor artistico, são apenas um
grito de revolta contra o mai-
or escandalo que tenho vis-
to

Presto assim, como pos-
sô uma homenagem á me-
moria do meu grande e infel-
iz amigo, cujo barbaro as-
sassinato, não punido, me
trouxe profunda e absoluta
descrença na justiça dos ho-
mens.

Sei que vai chover sobre
mim o Odio encarcerado
dos peccadores, mas, nem
por tal, deixo de cumprir es-
se dever que me sabe bem ao
coração.

Tenho pena que esses ver-
sos não sejam de fogo, não
possam fazer cahir as carnes
dos malvados que venceram
e ainda me querem esmagar.

Entrego ao publico o meu
humilde trabalho, cujo uni-
co valor reside na sinceri-
dade com que o elaborei,
quasi chorando.

Agradecendo-lhes e a to-
dos os que me ampararam
nessa formidavel campanha
em que cahi com a Lei e a
Razão, fico calmamente es-
perando o arranco das fêras.

Sempre

o collega e amigo

Thaumaturgo Vaz.

JO
alho

TE

as

12:000

6:000

3:000

hital mais

ICINAS RUA
AYUYA N.

ará às quin-
a semana.

Major Gonçalo
Souza.

do Robertson

adeantados

sangue

leitores se lem-
de tragedia que
a uma das ruas
enlutou uma il-
ia piauyense.
crime, revestido
tancias mais si-
nava justiça. O
rianeo de Thau-
iz, com o seu bel-
de poeta, foi um
ais se interessa-
punição dos crimi-
infelizmente ven-
talhada a causa na
da justiça. Não se
nter e lançou ao pu-
o poema *Historia de*
e, que abaixo publi-
que é um protesto
contra o crime impu-
ra os criminosos e
os seus ricos protec-
A lyra do nosso
aneo, já laureada nas
patrias, conquistou
m triumpho com essa
rodução, que bem se
a denominar o poe-
plente pela immensa
e exprime na defesa
n amigo victimado
ãos dos sicarios explo-
es da bolsa em vez da
a. E' um protesto su-
e contra a subservien-
a justiça divorciada dos
verdadeiros canones.

Os emulos cruéis do infame Iscariotes,
Andam surgindo agora aos batalhões, aos lotes
A busca de outro Deus !

A treva invado o Templo onde a Justiça mora !
Fusil-se o Direito, a Lei padeco e chora
Em meio á Saturnal !
Os justos vão pagar por esses peccadores
Grifando, embora em vão, contra os adoradores
Da Lei do vil metal !

Maldieto sejas tu, oh ! ente cor da noite
Que terrível baixou quando morreu Jesus:
Que te persigam sempre as tiras de um açoite
E que jamais te chegue a nosga decuma luz !

Maldieto sejas tu que nos trahiste a todos
A classe, a raça, a especie, a Consciencia, a Deus
Em troca do oiro vil que te arrastou aos lodos
Das ruas do Despreso, Imperador dos réos !

De ti nada se diz, oh ! pobre castigado !
A propria natureza, a que não tem ignaes,
Tomou-te o craneo nú de cordas rodelado
E pequeno te fez o corpo e em tudo o mais.

Agora vamos tú, Pomponio de Almanaks,
Valente conductor de Sancho Pança—o horó !
Mas, vé, attende bom, não tremas, não empaques
Que o meu chicote é bom e a chicotada dóe !
Porque quando julgaste em vez da espada, a foice
Uzaste protegendo os crimes infernaes ?
Porque em logar da lei te applicaste um coice
A quem veio pedir Justiça e nada mais ?
Não lembras que teu dono otr'ora governando
Foi um bello Juiz ? Recordas a bongalla ?
E como tu agora a chefiar um bando,
Com elle te atiraste a nauseante valla,
Onde a Desgraça poz o lodo e a podridão
E onde jamais penetra o ralo de um clarão ?
... Temos pena de ti, oh ! ser relos e chato,
Que caes como um pastel de restaurant barato.

Oiro ! da cor do Sol e das Estrellas !
Que as negras noites tornas em manhãs !
Inveja dessas rosas amarellas
Surgidas para enfeite das lapellas,
Dos banqueiros, dos dandys, dos dons Juans !

Oiro ! brilhante, rutilo, que cegas
Aos qm a Ambição domina infernalmente !
Que em Palacios transformas as hodegas,
Que choras, cantas, ris, affirmas, negas
E tudo tons escandalosamente.

Que vieste fazer ? Em vez da Gloria
Para elles trouxeste, a que ? ves ? isto:
A miseria. E essa lugubre victoria
Fica escripta nas paginas da Historia
Como a infamia maior que se tem visto !

Romens do tempo antigo ! Heróes que pela vida
Vindes ora a gomer e ora a rir e a cantar !
Tremei ! Reparae bem ! quando a Lei é vencida
Direito não se tem de rir ou de chorar !

Valente mocidade ! Amparo do Futuro,
Em enjo craneo ardendo está toda Paixão !
Reparae o vereis horrivelmente escuro
O Templo da Moral, da Lei e da Razão !

Sabeis o que se passa ? O mal que nos consome,
A desgraça cruel que a todos infeliza ?
Não é nada demais !... Nós só sentimos fome
E sede de Justiça !

Mas... deixae e... dado a forgiar no Inferno
As tramas que qu... Aquello que tombou
Dorme pra todo o sempre o somno manso e eterno
E aos vis d'aqui da terra ha muito perdoou.

Satan que dizem ser o protector dos réos
Um dia perderá, pois Deus é sempre Deus !

THAUMATURGO VAZ.

anos - 1906.

Dr. Areolino de Abreu

egressou a esta capi-
passeio que vem de
da cidade da União, o
snr. dr. Areolin) An-
de Abreu vice-gover-
o Estado.
sentamos a s. exa. as
bóas viudas.

Dr. José Luiz Baptista

Relativamente a este
nosso illustrado conterra-
neo, chefe da commissão
de engenheiros no estado
do Rio Grande do Norte,
lemos no «Republica» de
Natal os mais merecidos
conceitos á sua personali-
dade, por occasião de ser

inaugurada a estação de
Itapassaroca, da Estrada
de Ferro Central daquelle
estado.

Entre muitas outras e-
minentes pessoas que esti-
veram presentes á inaugu-
ração, destacámos o nome
do notavel senador Pedro
Velho, que em importante
allocução disse: «que o dr.
José Luiz, alliava á sua
competencia profissional,
o ardor da mocidade e o
amor á terra nortista.»

O dr. José Luiz respon-
deu ao senador Pedro Ve-
lho, sendo calorosamente
victoriado.

Notas e Noticias

A creança na escola

Eu sinto uma triteza im-
mensa quando vejo as grades
de uma cadeia ou as portas
de uma escola portugueza.
Dois carcerees. Um é o corol-
lario do outro; a ignorancia
produz o crime, a nossa esco-
la produz a cadeia.

Os povos têm um coração:
é a escola. Boa escola boa
saúde. Por isso Portugal é
anemico: nasceu ha oitocen-
tos annos e não sabe lêr, so-
letra. Mathusalém estuda o
alfabeto. Si não fosse tris-
te, seria ridiculo.

Trabalhemos. Alongar a
escola é diminuir o carceree.

Quereis garantir o direito,
a paz, a civilisação ? Prendei
os espiritos na juala da ver-
dade.

Quereis familia ? Ensinæ
a moral. Quereis a religi-
ão ? Ensinæ a fé. Quereis a
probidade ? Ensinæ a justi-
ça. Quereis supprimir o ca-
racter ? Mettei-lhe dentro a
escola.

A' noite illuminam-se as
ruas por causa dos ladões.

Quereis segurança ? Accen-
dei os espiritos e apague
os candieiros. Menos enxo-
viaes e mais argumentos. E'
para as almas delicadas um
quadro doloroso o ver as cre-
anças durante seis horas na
escola, sentados, imbecis. A
creança cujo organismo phy-
sico e moral requer imperi-
osamente a agitação; cujo
sangue é aspero, vivaz, in-
quieto, petulante; a creança
que é toda feita de alegria
virgem, de movimento rabi-
do, de vibrações aladas, não
póde estar durante um dia in-
teiro estupidamente con-
strangida numa posição bes-
tial e monastica.

Pobres flores ! Dobram-

l
v
a
p
n
ta
en
un
tra
me
do
ped
V
crea
E
mus
so. L
to, h
berda
Um
ventr
model
eis o c
uho.

E' p
ças, q
têm ale
allucina
trepam
os ninho
correm,
como u
da gaiola

Vóam
azas. E'
testa. A

santa. E'
Fóra de
nem religi
Quando
presou, fez
toria—a ida

A luz torn
o pensamen

Foi o eliq
tre ella e De
terrore, fech
e abriu-se o

Guer

Dr. Arlindo

Vindo do R
se entre nós
dr. Arlindo N
so digno repi
camara trieni

A familia c
de s. exc. o rec
porto do desem
demonstrações
contentamento

Levamos a s.
sas cordiaes sat

Actos Offic

No dia 11 dest
transferido do car
cretario do Tribuna
tas para o de com
Secretaria da Feze
pitão Manoel de So
des, e nomeado p
secretario do mesm
nal o capitão Pedro C

Damos sinceros p
aos dignos serventua